



Processos comunicacionais e práticas religiosas: uma leitura de suas perspectivas simbólicas¹

Dra. Viviane Borelli²

Centro Universitário Franciscano (Unifra)

Resumo

Fenômenos sócio-religiosos como as romarias são atos de comunicação complexos que envolvem rituais de diferentes campos sociais. O estudo mostra algumas caracterizações da Romaria de Nossa Senhora Medianeira que carrega não apenas as suas próprias simbólicas, mas também de outras ordens, como cultural, social, econômica, política e midiática. As simbólicas geradas na e pela sociedade podem ser um elo, um elemento aglutinador, fazendo com que, por exemplo, os participantes da festa estabeleçam laços, conexões, vinculações por meio de processos relacionais de determinadas modalidades de comunicação. A análise aponta que as relações sociais são estruturadas e estruturam a própria Romaria através de um conjunto de processos sócio-discursivos.

Palavras-chave: simbólicas, Romaria, comunicação, mídia

Introdução

A pesquisa mostra as especificidades de uma prática sócio-cultural singular, a Romaria de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças³, que tem suas origens nos anos 30 do século passado e que acontece em novembro na cidade de Santa Maria, centro do Rio Grande do Sul, reunindo aproximadamente 300 mil pessoas. Esse ato de comunicação constitui-se numa forma singular de celebrar valores humanos, desejos, expectativas, realizações, pedidos, entre outras motivações.

São vários os processos de significação que estruturam a existência da Romaria. Essa prática social se realiza por meio de operações simbólicas mistas, seja de forma direta ou através de mediações específicas, como a *tecno-interação* (Sodré, 2002), agenciada pelos dispositivos *tecno-simbólicos*⁴. O objetivo central deste estudo é descrever algumas operações empreendidas pelos sujeitos e seus campos na preparação e efetivação da Romaria em si.

¹ Trabalho apresentado ao GT Práticas Sociais de Comunicação do VIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sul. A reflexão integra uma problemática mais ampla – a Romaria é um fenômeno de comunicação midiática – desenvolvida como estudos de doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos, de 2003 a 2006. A tese de doutorado intitulada “Da festa ao cerimonial midiático: as estratégias de midiaticização da *Teleromaria da Medianeira* pela Rede Vida” foi defendida no dia 26 de março de 2007, sob orientação do professor doutor Antonio Fausto Neto.

² Professora do Centro Universitário Franciscano, Santa Maria, RS e doutora em Ciências da Comunicação pela Unisinos.

³ Convenciona-se Romaria para referir à Romaria de Nossa Senhora Medianeira.

⁴ Compreende-se a noção de dispositivo não só a partir da perspectiva técnica, mas como uma instância que tece e articula, numa complexidade em que há atividades simbólicas que se realizam num determinado contexto social. Segue-se, especialmente, o conceito de CARLÓN, Mario. **Sobre lo televisivo:** dispositivos, discursos y sujetos. Buenos Aires: La Crujia, 2004.



Compreendem-se por simbólicas o conjunto de procedimentos e processos comunicacionais que são desenvolvidos através de operações discursivas como estratégia singular de expressão e de apresentação dos sujeitos, seus campos, seus emblemas, suas ações, seus rituais, seus pontos de vista.

Para dar conta de observar, ler e descrever algumas simbólicas da Romaria, aproxima-se de algumas técnicas empregadas pela etnografia para explicar fenômenos sociais, como a observação direta, a realização de entrevistas, a descrição de ambientes, sujeitos e atividades. Porém, diferentemente da Antropologia, que, classicamente, toma a etnografia como objeto de sua preocupação epistemológica, busca-se lançar um olhar interessado sobre esse fenômeno religioso para melhor compreender alguns de seus processos comunicacionais.

No trabalho de campo, de 2002 a 2006, realizaram-se movimentos metodológicos buscando afinar e direcionar o olhar para os vários modos com que sujeitos e seus campos expressavam-se em relação ao acontecimento. As várias idas a campo possibilitaram que os procedimentos fossem aprimorados e também fossem apreendidos elementos que remetesse a alterações nos rituais. Nesse sentido, lembra Becker (1997), as evidências de campo mais significativas podem escapar se houver limitadas observações.

A partir de inspirações em Winkin (1998), para quem o pesquisador de campo deve saber ver, saber estar com e escrever, realizou-se essas ações singulares, compreendendo algumas formas de produção de sentidos, mediante registros e signos que definem a Romaria como fenômeno simbólico complexo, pois é religioso, histórico, social, cultural e também de comunicação.

São registradas e descritas algumas manifestações simbólicas desenvolvidas pelos campos através de operações discursivas, seja durante os rituais religiosos, seu entorno ou atividades paralelas. Com essa descrição, indica-se como a cidade se transforma e se estrutura para a Romaria através das manifestações dos fiéis, do comércio, da Igreja Católica, da Prefeitura, das mídias, etc.

Nestes termos, a intenção principal desse olhar mais dirigido para a cerimônia religiosa é mostrar como os sujeitos e os campos manifestam e expressam seus valores, motivações e pontos de vista por meio de operações discursivas. Para compreender o funcionamento da cerimônia religiosa, suas regras e características, é necessário capturar alguns de seus processos expressos através de simbólicas.

Romaria e processos comunicacionais

A Romaria é uma cerimônia complexa que integra vários rituais e é um acontecimento religioso que carrega consigo também marcas de outros campos sociais que o constituem enquanto uma prática social singular. O sentido atribuído para romaria e festa⁵ é o mesmo: um espaço específico de manifestação dos anseios, desejos, expectativas e os mais variados sentimentos por parte de um grupo que compartilha, divide e vive por um determinado momento emoções semelhantes, praticando determinadas ações de forma conjunta, sejam de ordem extrínseca (responder a um canto, caminhar, acenar, por exemplo) ou intrínseca (pedir, agradecer, participar, etc). Em suma, são várias as manifestações simbólicas que permeiam o imaginário popular.

As simbólicas são desenvolvidas por meio de processos comunicacionais e denotam os próprios modos de constituição tanto dos sujeitos quanto de seus campos. Dessa forma, elas estruturam-se em torno de um determinado conjunto de signos criados e subordinados aos interesses, às finalidades estabelecidas e aos sentidos definidos por campos sociais, enquanto seus produtores. A produção de simbólicas tem um fim específico: fazer com que tenha um resultado positivo, que seja eficaz em seus objetivos⁶. Portanto, quanto maior for a inteligibilidade de uma simbólica, maior poderá ser seu efeito e também haverá mais garantias de que ela vai funcionar. E o que assegura sua eficácia são os processos e os *contratos*⁷ através dos quais os rituais são efetivados.

Para que tenha um efeito de sentido produtivo, as simbólicas devem ser reconhecidas pelos sujeitos na especificidade de suas práticas e de seus rituais. Para tanto, cada campo social⁸ possui as suas próprias simbólicas, que são garantia de

⁵ Prova de que a Romaria se constitui como festa desde a sua origem é o registro em livro histórico e também em jornais de que após a primeira festa oficial, em 1930, foram servidos doces e soltados balões, elementos que fogem ao caráter estrito do ritual litúrgico.

⁶ Toma-se como inspiração idéias desenvolvidas em “Eficácia Simbólica” In: LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970, onde o autor reflete sobre algumas estratégias e mecanismos desenvolvidos por experiências e práticas sociais para que se consiga “um funcionamento ordenado” (p. 218).

⁷ Cada campo possui suas próprias *gramáticas* e através de processos de produção de sentidos constroem e estabelecem, segundo Verón (2003), *contratos de leitura*. É por meio de operações sócio-simbólicas e da técnica que os contratos se realizam. VERÓN, Eliseo. **Televisão e política: história da televisão e campanhas presidenciais**. In: FAUSTO NETO, A., RUBIM, A. A. C, e VERÓN, Eliseo (orgs.). **Lula Presidente: Televisão e política na campanha eleitoral**. São Paulo, Hacker; São Leopoldo: Unisinos, 2003. P.15-42.

⁸ Compreende-se o conceito de campo a partir da idéia de que possuem especificidades, regras e características próprias, e travam constantes diálogos numa esfera complexa em que há uma rede de relações, trocas, co-determinações. Segue-se, especialmente, o conceito de campos sociais a partir de RODRIGUES (2000).



existência e de visibilidade pública e é através delas que se busca um efeito de reconhecimento. É pelas suas simbólicas que os campos não só tematizam suas ações como também buscam legitimar-se enquanto tal.

As simbólicas expressam interesses, expectativas e ações. É através de processos discursivos que os sujeitos demarcam os seus âmbitos de atuação, as suas competências, as suas abrangências e os seus limites. Portanto, essas marcas simbólicas denotam não só pontos de contato e de contágio, mas também níveis e papéis hierárquicos que revelam distinções.

Disso decorre que os sujeitos e seus campos produzem-nas como estratégia de sobrevivência, de permanência e também de ampliação de seus modos de expressão. A partir da noção de comunicação, pode-se afirmar que os sujeitos produzem os seus próprios rituais como um modo de permanecer integrados e de expressar referências sobre a sociedade em que vivem.

Nesse sentido, as simbólicas são construídas por meio de processos de comunicação e podem ser percebidas e reconhecidas pelos sujeitos sociais como elementos significantes, integrantes e constituintes do mundo. A comunicação, segundo Correia (2004, p. 80), “assegura a estruturação de contextos de significado objetivos que são tomados por independentes da experiência subjectiva dos agentes sociais”.

O processo de estruturação e de vivenciamento passa por processos e etapas que fazem parte da sua matriz constitutiva. Nessa conjugação de fatores, são estabelecidos laços e vínculos de comunicação não só com aqueles que já fazem parte da vida cotidiana, mas também com desconhecidos com quem se compartilha esse momento de quebra de rotina – a festa. Para tal, é através de relações singulares num espaço e tempo determinados, que cada um relaciona-se com o mundo ao seu redor numa reciprocidade que implica constituir-se como sujeito e como grupo.

A comunicação é uma categoria central para pensar nessas relações. Correia (2004), que fez uma reflexão sobre a noção de comunicação de Alfred Schütz, explica que o processo de relações interdependentes entre a sociedade e o sistema de símbolos faz com que alguns deles sejam originados na sociedade “e uma vez estabelecidos, influenciem por sua vez a estrutura social” (SCHÜTZ apud CORREIA, p.79).

Por seu caráter social e relacional, a comunicação garante a objetivação do mundo real através de significados partilhados por aqueles que o vivem e estão nele. É por meio de processos comunicacionais que os participantes da Romaria estabelecem vínculos entre si, com o mundo que os cerca e, claro, com o fenômeno religioso. A



sobrevivência da própria existência humana depende da criação e do desenvolvimento de rituais através dos quais é possível expressar-se, anunciar-se, contatar-se com outros sujeitos e outras sociedades.

Mesmo que cada um atribua um sentido singular ao acontecimento, pois a experiência de vivenciá-la é particular, há, entretanto, simbólicas comuns que os unem. Nesse sentido, as diferentes manifestações resultantes das culturas dos campos sociais podem ser um elemento aglutinador e que garanta o estabelecimento de redes de sociabilidade entre os que vivenciam a Romaria. Os vários processos comunicacionais empreendidos pelos sujeitos são elementos agregadores e também dão subsídios para que haja conexões, pontos de vinculação e de integração entre si e deles com o acontecimento.

É nesse sentido que os processos de comunicação são, na análise de Samain (2001), fatos culturais expressos através de dinâmicas sociais executadas pelos sujeitos. Segundo essa perspectiva, em que o autor retoma e faz uma releitura de alguns conceitos desenvolvidos pela Escola de Palo Alto, o sujeito estaria num sistema de relações no qual a comunicação não está enraizada na singularidade do eu, mas em algo que está nas relações entre – em nós (eu e os outros). A comunicação é, portanto, por natureza relacional, constituída por uma conjugação de processos e de vínculos.

A singularidade de Medianeira

A Romaria é uma das mais antigas do Brasil e a mais tradicional do estado, realizando-se todos os anos no segundo domingo de novembro. Após missa na Catedral, inicia-se a procissão até o Santuário-Basílica, num percurso de três quilômetros, no qual peregrina-se junto ao quadro⁹. A primeira Romaria aconteceu em 1930, mas só foi considerada estadual a partir de 1943, quando Medianeira foi consagrada padroeira do Rio Grande do Sul.

A festa possui elementos similares a outros fenômenos religiosos de mesma ordem, havendo procissão e missa, atividades paralelas, como música, atrações culturais, comércio de variedades, almoços, bebidas, lanches.

⁹ Diferentemente da maioria dos santos e títulos de Nossa Senhora que têm sua representação física em uma imagem corpórea de gesso, a primeira representação de Nossa Senhora Medianeira se dá através de uma pintura (primeiro indício da importância do dispositivo para esse fenômeno), um quadro que foi pintado nos anos 30, como será mostrado na 2ª Parte quando são abordadas questões contextuais e históricas. Como Medianeira é representada tanto em quadro quanto em imagem de gesso (estátua) e grande parte dos agentes do campo religioso utiliza tanto os termos quadro quanto imagem, eles serão usados como sinônimos.

Há rituais específicos de preparação, pois a festa abrange momentos anteriores: dez dias antes, ocorre uma procissão com Medianeira que, juntamente com veículos automotores, percorre as principais ruas da cidade, quando inicia-se a “Novena Móvel”, a qual é uma preparação para a cerimônia principal. Na semana seguinte, a imagem percorre as paróquias da cidade com missa à noite.

Em relação à procissão, ela é singular no seu modo de organização, em que, diferentemente de outras festas, a equipe de animadores e puxadores não caminha junto à imagem, pois orienta o ritual litúrgico por meio de dispositivos integrados: um sistema de som híbrido em conjunto com a Rádio Medianeira.

Após a procissão, há uma missa principal, que acontece num lugar aberto, no Parque da Medianeira, por volta das 10h, quando da chegada da imagem. Além desse ritual litúrgico, há missa com bênção aos doentes, às 15h; missas de hora em hora das 5h às 17h (no Santuário) e das 5h às 7h (Catedral), confissões na Cripta. Todos esses rituais religiosos constituem a matriz de funcionamento da Romaria. Depois de encerrada a missa principal, os devotos formam filas para tocar a imagem com a mão ou por meio de flores ou outros objetos, como velas, rosário, bíblia, fotos de familiares.

Nesse contexto, a Romaria resulta de uma conjugação de processos e de ações que ocorrem não só no âmbito institucionalizado da Igreja, mas no território da cidade com uma temporalidade que é negociada pelos sujeitos. Os modos de vivenciar a procissão são distintos, pois o percurso de um templo a outro ocorre num tempo que se cristaliza no espaço, mas que é cumprido em temporalidades distintas. O espaço a ser vencido na procissão é o mesmo, porém os devotos empregam um ritmo e uma forma singular, constituindo, assim, ‘a sua Romaria’.

Cada romeiro ‘edita’ a sua própria Romaria: alguns fazem o trajeto mais cedo, ou mesmo no dia anterior, outros apenas assistem à missa principal no Altar Monumento ou alguma missa no Santuário ou, ainda, participam apenas da bênção aos doentes. Há vários tipos de romeiros: o que faz o trajeto no dia anterior, aquele que não peregrina, o que caminha com seu grupo de conhecidos, aquele que se junta à multidão desconhecida chegando antes ao Altar-Monumento, o que peregrina após a passagem da imagem.

O fato de fazer ‘a sua própria Romaria’ em que, por exemplo, se segue em caminhada antes da saída da imagem, representa uma quebra de normas do ritual, o que mostra que os sujeitos vão impondo as suas regras às formalidades instituídas pela cerimônia. Da mesma forma que o campo religioso impõe o seu ritual, as próprias



práticas sociais estruturam e empregam novos modos de execução e de cumprimento dessas regras, em que os sujeitos constituem também a sua cerimônia singular.

As variadas formas de participar e de vivenciar a Romaria têm repercussão sobre as representações simbólicas que cada um empreende sobre a festa: compartilhar com os outros esse momento cumprindo as regras do ritual religioso; estar junto fisicamente, mas distante do grupo a partir de uma reflexão introspectiva; deslocar-se do grupo para vivenciar uma experiência mais particular não seguindo o ritual formal ou empregando, ainda, um outro ritmo a ele.

Festa regrada

Compreende-se que a Romaria é uma prática social cerimonial que engloba vários momentos nos quais são observadas regras específicas para seu funcionamento. Ela é, por natureza, uma festa e, como tal, intrinsecamente, possui poder de reunir um grande número de pessoas. Esse tipo específico de cerimônia, como definem Dayan e Katz (1984 e 1995), constitui-se numa ocasião especial de celebração dos rituais da sociedade que se organiza para tal, seguindo normas já pré-determinadas.

As festas, as cerimônias, são eventos extraordinários e, portanto, rituais. Porém, segundo Da Matta (1977, p.24), mesmo sendo momentos “especiais de convivência social”, os rituais não podem ser vistos como “momentos essencialmente diferentes” daqueles constitutivos da rotina, pois “utilizam mecanismos sociais cotidianos”, seja de inversão, de reforço ou de neutralização.

Desse modo, a Romaria é uma cerimônia que engloba momentos especiais rituais que fogem à rotina, mas que, ao mesmo tempo, continua a ter características desse dia-a-dia, sendo alguns elementos mais destacados que outros, onde estão presentes “*discursos* sobre a estrutura social”, segundo Da Matta (1977, p.20). Em função disso, ao colocarem num mesmo espaço santos e pecadores, sadios e doentes, povo e autoridades, as festas religiosas acabam realizando uma *neutralização* dessas categorias sociais, destaca o autor. Ao unir sujeitos de diferentes campos sociais, a cerimônia mistura e mescla temporariamente suas características.

Fazer parte da Romaria significa compartilhar com outras pessoas esse momento preparado previamente como um espaço para extravasar as emoções, para sair da rotina e participar de um ritual. Porém, mesmo participando dessa manifestação coletiva, os integrantes carregam seus valores singulares, vivendo, por alguns instantes, num mundo coletivo, mas marcado por diferenças, sejam de ordem moral, econômica, social ou

cultural, e também por individualidades, seus sofrimentos, pedidos, desejos, expectativas. Pela própria complexidade da festa, os sujeitos vivenciam essas experiências de forma ambígua, ora são ressaltadas categorias coletivas, ora individuais.

Esse apagamento ou, segundo Da Matta (1977), *neutralização* das categorias sociais é momentâneo e só ocorre a partir de elementos já preestabelecidos, ou seja, participar da festa significa sair da rotina por algum tempo. Mas esse ‘participar’ está carregado de características e de estruturas fortes, que não podem desvincular-se do participante. Nesse sentido, há um destaque da coletividade sem que sejam dissolvidas as simbólicas individuais.

No entanto, é importante destacar que o próprio ritual possui regras que pré-determinam as posições e os atos a serem desenvolvidos. Há pré-estruturas de hierarquias sociais. O ritual da procissão, por exemplo, tem regras em sua formação: as autoridades seguem à frente, junto ao quadro de Medianeira, onde representantes dos campos político, religioso, econômico e midiático têm um certo *status* se comparado aos demais.

Os rituais impõem distinções sociais através da criação de micro espaços, onde a hierarquia é rígida e os vários representantes dos campos têm funções diferenciadas na formação do cortejo. Junto à imagem, estão apenas alguns dos guardiões da Medianeira¹⁰, representantes do campo religioso, como o bispo de Santa Maria, o bispo convidado e que preside a missa principal, além de outros bispos, padres, freiras, ministros da eucaristia. Ocupam ainda esse ambiente a ‘imagem convidada’, representantes do campo político, como vereadores, prefeitos da região, deputados, governador; do econômico, como os patrocinadores ou grandes empresários locais, do cultural, como artistas locais; do midiático, em que os especialistas de várias mídias movimentam-se não só entre a multidão, mas também nesse espaço privilegiado procurando captar momentos e colher depoimentos. Ainda ocupam esse espaço, um público específico e que é determinado pelo ritual litúrgico e que depende do tema e do lema (em 2006, por exemplo, um grupo de cadeirantes deslocou-se junto à Medianeira).

Essa hierarquia constitutiva do ritual da procissão não pode ser quebrada e a garantia de que a ordem será respeitada é a presença de policiais militares da Brigada Militar gaúcha, a qual faz um rígido cordão de isolamento. Não há como quebrar essa barreira. Todos os anos, devotos tentam fazê-lo, muitas vezes emocionados e de forma

¹⁰ Grupo formado por homens que se revezam nos cuidados à imagem durante todo o ano e, em especial, no dia da festa.

desesperada, mas sem sucesso. Os responsáveis pela segurança cumprem papel não só de mantenedores da ordem, mas também de observância da própria regra do ritual.

Mesmo que haja a barreira rígida da Brigada Militar, os devotos criam modos singulares de aproximação da imagem. Uma estratégia para tentar ficar mais próximo de Medianeira é encurtar caminho entrando em ruas paralelas para evitar a multidão e chegar mais próximo da imagem.

É nesse contexto que os menos privilegiados na hierarquia da procissão almejam integrar-se à simbólica central da festa, pois, lembra Turner (1974), o ritual é um momento único que oportuniza a troca de estado social. Porém, os rituais têm regras a serem respeitadas e, para tanto, as funções são distribuídas entre os vários sujeitos que os constituem. Cada um tem um papel definido pela normatização da cerimônia e a sua própria execução depende do cumprimento dessas tarefas.

A formação do cortejo denota, portanto, algumas simbólicas dos campos e expressa distinções entre as simbólicas dos campos sociais. Observa-se que os representantes dos campos religioso e militar são os que carregam e expressam uma *simbólica formal*, no sentido dado por Rodrigues (2000), por meio do uso de suas vestimentas específicas: as vestes litúrgicas e a farda. Já em relação aos demais, a simbólica está diluída nos vários modos de expressão que não remetem a uma rigidez específica de algum campo, pois apontam para contaminações e misturas.

Como o contato com Medianeira não é permitido nesse momento pelas regras do ritual, os devotos lançam mão de outros modos e de estratégias, como acenar, bater palmas, estender o braço ou jogar flores. As pessoas fazem outros tipos de reverência, como se ajoelhar, abaixar a cabeça, fazer o sinal da cruz, ações que denotam veneração e respeito. À medida em que a imagem vai se aproximando do Santuário, os sinos da Basílica tocam para anunciar a chegada de Medianeira, que é saudada pelos devotos através de gestos e hinos.

Assim que a imagem é retirada do carro que a conduziu até próximo ao Altar Monumento, fiéis avançam rapidamente sobre o veículo para pegar flores ou papéis ali deixados e que possam, assim, levar para casa um objeto sagrado como lembrança da Romaria.

Ornamentações e mensagens

A realização da Romaria ocasiona também mudanças na estrutura física e simbólica da cidade, enquanto um ambiente que se transforma já nas vésperas para

receber a imagem de Medianeira. A preparação da cidade para a festa se dá através de ornamentações e de adequações de espaço para os negócios que ela gera.

A preparação da festa no Parque da Medianeira envolve cerca de 400 voluntários para organização do local para receber os visitantes. Eles trabalham na produção de alimentos, em corte de grama, limpeza da Basílica, ornamentação do Altar Monumento, divisão do espaço para venda de objetos religiosos e alimentos, posicionamento das estruturas para o televisionamento ao vivo.

Como foi referido, a Romaria é uma cerimônia singular constituída por rituais religiosos e também por outros que provêm da própria sociedade, pois os participantes organizam-se para demonstrar a fé em Medianeira por meio de um conjunto de signos.

São criadas micro-simbólicas e situações singulares. Os moradores da cidade constróem um conjunto de simbólicas específicas que se mescla à própria estrutura da cidade, seja montando altares, colocando imagem da Medianeira nas sacadas dos apartamentos e nas fachadas das casas, acendendo vela ou colorindo prédios com mantos e balões azuis e brancos, que são as cores da Medianeira.

A comunidade (fotos) manifesta-se através de mensagens visuais no ‘corpo’ da procissão ou no próprio corpo. São utilizadas as mais variadas formas de linguagens para se expressar: portar cartazes, envolver-se em mantos, vestir branco, usar véus, vestir crianças de anjo, exibir símbolos religiosos como flores, rosários, cruz, velas.



Algumas pessoas vestem roupas com mensagens que remetem à fé, como camisetas da Medianeira, de Nossa Senhora ou mesmo de familiares. É uma estratégia singular de comunicação para dizer ao outro (pode ser alguém que está próximo ou mesmo as lentes da televisão ou de máquinas fotográficas) que está presente e qual grupo integra.

Ao falarem de seus ambientes, os participantes desse ritual acabam constituindo este contexto específico. Nesse sentido, a Romaria é uma prática social realizada como forma de expressão, de permanência e mesmo de garantia de existência do “mundo da



vida”, como destaca Correia (2004), a partir de conceito de Alfred Schütz. Dentro dessa cerimônia, há uma série de outros rituais desenvolvidos pela sociedade que se mostra e se constitui por meio desses vários processos sócio-simbólicos.

Anunciar à multidão que se pertence a um grupo, é uma forma de dizer ao outro ‘quem eu sou’. Para tanto, o ritual é um momento singular para destacar o seu lugar como elemento de referência integrador de um grupo. Nesse processo de expressão da própria sociedade, os sujeitos elaboram simbólicas que dêem inteligibilidade aos seus rituais.

Essas manifestações simbólicas são intrínsecas à própria festa, em que os participantes elaboram modos de sentirem-se integrados ao ambiente, de manterem e de construir formas de contato. A inserção e o trabalho simbólico dos peregrinos é a mais diversa possível: alguns fazem o percurso descalços ou de joelhos, outros carregam seus filhos vestidos de anjo, alguns portam velas, flores, imagens e fotos de Medianeira, cruz, rosários, entre outros símbolos representativos da fé católica. Essas manifestações parecem ‘puras’ durante parte do trajeto, quando são visualizados, predominantemente, aspectos do mundo *sagrado*.

Muitos romeiros sabem que podem ser fotografados e/ou filmados e o fato de haver dispositivos que mostram o acontecimento a outras sociedades engrandece não só a cerimônia, como destacam Dayan e Katz (1995), mas também dá notabilidade aos participantes dos rituais.

A partir da pré-concepção de que estão sendo filmados ou fotografados, os romeiros produzem simbólicas que possam ser captadas pelos dispositivos midiáticos, pois têm o intuito de obter um resultado, efeitos de reconhecimento junto aos outros.

Alguns representantes dos campos político, religioso, econômico e midiático também se manifestam, especialmente através de faixas e de cartazes que são fixados pelo trajeto da procissão, seja saudando os fiéis, a cidade ou a Medianeira.

As manifestações visuais através de faixas são formas de comunicação que também fazem parte da simbólica da Romaria. São alguns tipos de dispositivos midiáticos não massivos, mas que denotam a lógica de diferentes processos de midiaticização como recurso para mostrar, conectar pessoas e ‘estar junto’ aos outros.

O sagrado e o profano

Outra característica forte da Romaria é que o *profano* e o *sagrado* a constituem. Em função disso, seria impossível “conceituar as procissões que não seriam *sagradas*



nem *profanas*, nem *formais* nem *informais*. E não estariam engendrando nem uma *communitas* e nem acentuando a *estrutura*, mas teriam todas essas facetas ao mesmo tempo”¹¹ (DA MATTA, 1977, p.16). Os rituais têm, portanto, simbólicas relativas tanto ao mundo do *sagrado* quanto ao do *profano*, ficando difícil separar um do outro já que há co-relações e co-determinações em que alguns elementos são destacados num dado momento e, em outros, podem ser dissimulados e/ou misturados.

Nesse contexto, deve-se lembrar que as apropriações da festa não se limitam apenas a seu caráter simbólico, pois incidem sobre ela aspectos de ordem econômica. Nessa perspectiva, segundo Hartmann (1987), algumas festas tipicamente brasileiras, como o carnaval, o futebol, as “grandes romarias, a festa do padroeiro, etc, atraem os olhos ávidos do lucro de grandes empresários” (1987, p.60-61).

Essas festas são uma oportunidade ímpar para que haja uma rentabilidade maior para as mídias, os empresários, o campo religioso e o poder público. No entanto, esse fato aparentemente simples, tem uma problemática de fundo mais complexa. Para alguns pensadores da sociologia das religiões, como Peter Berger, o fato de a Igreja ter de agir a partir de uma lógica de mercado se deve, principalmente, à secularização, pois “a tradição religiosa, que antigamente podia ser imposta pela autoridade, agora tem que ser *colocada no mercado*”¹² (BERGER, 1985, p. 149). Para tal, é preciso anunciar-se por meio de estratégias e de produtos simbólicos.

A lógica mercadológica orienta o funcionamento dos campos sociais e, com o religioso, não é diferente, pois nas últimas décadas observa-se que uma série de produtos é desenvolvida para atingir os seus fiéis, por meio da indústria fonográfica (CDs, DVDs), impressa (calendários, agendas, revistas históricas e turísticas), de artesanato produzido a partir de ligação com santos e Nossa Senhora (objetos de decoração, ornamentações e para uso pessoal em geral), artigos sacros (rosários, cruz, bíblias, imagens de santos, capelinhas). Há empresas especializadas em produzir objetos religiosos que são comercializados tanto no âmbito institucional quanto nas ocasiões em que há festas.

Assim, Hoover (1998) corrobora com a problemática ao afirmar que os símbolos e os valores da religiosidade são, cada vez mais, apropriados por esferas seculares e comerciais. Disso, decorre afirmar que por meio do trabalho técnico e discursivo dos dispositivos midiáticos os próprios sentidos do religioso são re-construídos.

¹¹ Grifos do original.

¹² Idem.

O viés econômico perpassa a festa em várias escalas, em que o campo religioso comercializa artigos religiosos e gêneros alimentícios, o que assinala para o fato de que a religião também se faz através de um *mercado simbólico*, segundo Hoover (1998). Esse fato mostra como o fenômeno religioso vai se expressando, se convertendo e se aproximando dos modos de funcionamento do mundo secular.

Desse modo, o fenômeno sócio-religioso acaba incorporando elementos da cidade. Além disso, para a concretização da festa há co-determinações por parte dos setores de prestação de serviço (hotéis, pousadas, empresas de transporte, restaurantes, etc), há ainda incidência sobre a economia do próprio município pelo retorno lucrativo que alavanca, seja através do comércio formal ou do informal.

Além de ser constituída por diferentes rituais religiosos, a Romaria também é um espaço específico de consumo. É uma característica das festas religiosas: possuir atividades relativas ao mundo do *sagrado* e também ao *profano*, através do comércio ambulante-informal por meio de instalação provisória de barracas após compra de lote para comercialização, as diversões, os jogos, apresentações artísticas, consumo em bares, restaurantes, etc.

O comércio informal (fotos) já integra a própria simbólica da Romaria. Vendedores gritam e os tons de vozes disputam suas mensagens com as do sistema de som que orienta a procissão, eles se misturam aos fiéis, tentando vender seus produtos, cruzam entre os romeiros com caixas térmicas oferecendo bebidas, inclusive alcoólicas, como caipirinha, ‘samba’ e cerveja, artigos religiosos, gêneros alimentícios, brinquedos.



A cerca de 500 metros da entrada do Parque da Medianeira, há um estreitamento da pista por causa da instalação das barracas de comércio, o que retarda o ritmo da procissão pela interferência dos vendedores ou mesmo pela parada que os fiéis fazem para observar algum produto e/ou comprar o que lhes interessa.



Nesses últimos metros antes de ingressar no Parque da Medianeira, o *profano* e o *sagrado* disputam não só espaço físico, mas também estratégias de sentidos junto aos que participam da festa. Há características dos dois mundos, onde o *sagrado* vai cedendo cada vez mais espaço para o *profano* à medida que a procissão avança em direção ao Santuário, o que é um paradoxo, pois deveria ser justamente o contrário.

A peregrinação que se inicia num espaço mais regido pelos rituais religiosos e, portanto, com marcas dominantes do campo religioso, vai se transformando, aos poucos, noutras manifestações que mesclam referências da cidade, dos fiéis e do comércio. Ao se aproximar do Santuário-Basilica, observa-se uma outra Romaria com poucas marcas que lembram o *sagrado* e com muitas incidências de simbólicas do mundo *profano*.

Considerações finais

Na reflexão, procurou-se mostrar as operações, os processos e as práticas sociais empreendidas por sujeitos de campos sociais para a constituição do acontecimento religioso, que é um processo complexo que aponta para modos singulares de produção de sentidos.

Nota-se que é através de operações discursivas produzidas pelos sujeitos que os campos relacionam-se e mostram-se uns aos outros e ainda anunciam suas intenções, seus valores, suas motivações.

Constata-se que na medida em que se avança na temporalidade da procissão, as alterações no espaço demonstram que as representações da festa são de múltiplas ordens: religiosa, social, cultural, política, econômica. A complexidade que marca os processos simbólicos com a qual a Romaria se expressa denota que a regulação sobre a festa não é atividade restrita do campo religioso, pois outros campos também incidem sobre ela, segundo várias estratégias e finalidades.

Nesse sentido, há outros rituais que se desenvolvem lado a lado com e na própria cerimônia religiosa. E esses rituais desenvolvidos na e pela sociedade são uma forma de expressão dos sujeitos e de seus campos, informando a existência de singularidades e também de ambigüidades. É por meio desse conjunto amplo de simbólicas que cada campo demonstra interesses, intenções e pontos de vista.



Em suma, esses movimentos desenvolvidos pelos campos e seus agentes integram a Romaria, que serve de inspiração para que a sociedade se expresse às demais através de vários processos comunicacionais criados para essa ocasião especial.

Referências bibliográficas

- BECKER, Howard. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BERGER, Peter Ludwig. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulus, 1985.
- CORREIA, João Carlos. **Um esboço da teoria da comunicação de Alfred Schütz**. Revista de Fenomenologia, n.8. Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2004.
- DA MATTA, Roberto. **Carnavais, paradas e procissões: reflexões sobre o mundo dos ritos**. In Religião e Sociedade. São João Del Rey, RJ. N.1. Maio de 1977.
- DAYAN, Daniel e KATZ, Elihu. **La historia en directo**. La retransmisión televisiva de los acontecimientos. México: Ediciones G. Gili, 1995.
- _____. **La télévision et la rhétorique des grandes cérémonies**. Ed. de l'École des Hautes Études. Paris, 1984.
- HARTMANN, Attilio Ignácio. **Espaço da festa-espço de Deus**. São Paulo: Paulinas, 1987.
- HOOVER, Stewart. **Religion, Media and the Cultural Center of Gravity**. Center for Mass Media Research. University of Colorado, 1998.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. **A emergência dos campos sociais**. In Reflexões sobre o mundo contemporâneo. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Piauí. Editora Revan, 2000.
- SAMAIN, Etienne. **Gregory Bateson: Rumo A Uma Epistemologia Da Comunicação**. Revista Ciberlegenda. N. 5, 2001. In: <http://www.uff.br/mestcii/samain1.htm>. Consultado em 1 de agosto de 2003.
- TURNER, Victor W. **O processo ritual: estrutura e anti-estrutura**. Petrópolis: Vozes, 1974.
- WINKIN, Yves. **A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo**. São Paulo: Papirus, 1998.